

ESPOROTRICOSE EM CÃES E GATOS DE COMUNIDADES VULNERÁVEIS: ANÁLISE DE CASOS E DESAFIOS DIAGNÓSTICOS

LARISSA LUIZA WERMUTH¹; VITÓRIA RAMOS DE FREITAS²; ISADORA ANDRIOLA DA SILVA³; MARIA EDUARDA RODRIGUES⁴; MARLETE BRUM CLEFF⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – wermuthlarissa03@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vitoriarfreitass@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – andriola.isadora26@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – eduarda.rodrigueset@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – marletecleff@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea causada pelo complexo de fungos termodimórficos *Sporothrix schenckii* (MARIMON *et al.*, 2007) e pode acometer pessoas e animais, sendo particularmente comum em felinos e cães (DOS SANTOS, 2022). No Brasil, a esporotricose é considerada uma doença emergente e negligenciada e assim, a falta de vigilância sobre os doentes pode ocasionar novos casos e surtos (DUARTE, 2021).

Os felinos domésticos têm papel principal como disseminador do fungo (DA ROSA, 2017) e a infecção normalmente é adquirida pela inoculação do agente através de arranhões e mordidas de gatos no hospedeiro (BARROS, 2010). A micose é mais comum em gatos machos, não castrados, jovens ou adultos em fase reprodutiva, devido ao estilo de vida que os expõe a brigas e lesões, destacando-se gatos que vivem domiciliados mas com acesso ao exterior, ou gatos que vivem em colônias (ROCHA, 2024). Nos felinos, as formas cutânea fixa e disseminada da micose são predominantes, caracterizadas por lesões purulentas, nodulares e crostosas, que podem evoluir para necrose tecidual na ausência de tratamento (DOS SANTOS, 2022).

O diagnóstico da esporotricose envolve uma abordagem multidisciplinar, incluindo anamnese detalhada, histórico do animal e exames complementares como citologia, histopatologia e cultura fúngica, que permite a confirmação do diagnóstico (PIRES, 2017). O fármaco de escolha para o tratamento é o itraconazol (PIRES, 2017) e o prognóstico da doença é favorável, porém, depende de fatores como imunidade, tempo de evolução da doença, extensão das lesões e espécie do fungo (BISON, 2020).

Diante da importância da micose para a saúde pública, visto que se trata de uma zoonose, o objetivo deste trabalho foi avaliar a casuística de esporotricose e classificar os sinais clínicos e desafios quanto ao diagnóstico em um ambulatório veterinário que atende populações socialmente vulneráveis.

2. METODOLOGIA

O ambulatório veterinário Ceval, tem como público-alvo animais de populações fragilizadas que vivem em regiões próximas ao Canal São Gonçalo em Pelotas, RS. A população é atendida através do projeto de extensão “Medicina Veterinária na Promoção da Saúde Humana e Animal: Ações em comunidades Carentes como enfrentamento da Desigualdade Social”. Durante os atendimentos, uma ficha é preenchida constando: identificação do paciente, histórico clínico, anamnese, exame clínico geral e específico, diagnóstico presuntivo ou definitivo, exames solicitados e tratamento instituído, além de informações de identificação do tutor.

Devido ao aumento na casuística de esporotricose em animais na região, analisou-se detalhadamente os casos através de uma planilha com os dados de animais atendidos no período de janeiro de 2023 a julho de 2024. O levantamento de dados foi feito através dos sinais clínicos apresentados pelos animais, sendo considerados compatíveis com esporotricose animais que apresentassem lesões ulcerativas e feridas de difícil cicatrização, assim como convivência com outros animais positivos. Além de serem considerados fatores predisponentes aqueles animais com acesso a rua, mais de um animal na casa, histórico da micose na família e/ou lesões cutâneas nos tutores. Os animais foram agrupados por espécie (cães e gatos) e classificados em animais com diagnóstico presuntivo, em que apenas apresentavam sinais clínicos compatíveis com a doença e animais com diagnóstico definitivo, os quais foram realizados exames de cultura fúngica que evidenciaram crescimento de fungos do complexo *Sporothrix*.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Durante o período analisado foram realizados 502 atendimentos, totalizando 264 animais. Destes, 76 (28,80%) eram da espécie felina e 188 (71,20%) da espécie canina. Dentre eles, 21 animais (7,95%) foram considerados suspeitos para esporotricose, sendo 19 felinos (10 com diagnóstico presuntivo e 9 com diagnóstico definitivo) e 2 cães (ambos com diagnóstico presuntivo). Ainda, é importante salientar que um animal (4,76%) realizava o tratamento empiricamente, visto que o fármaco utilizado para o tratamento da doença (itraconazol) pode ser comercializado sem prescrição médica. O fato de muitos tutores tratarem seus animais por conta própria, sem o auxílio de um médico veterinário, contribui para a resistência ao fármaco (XAVIER, 2019) além de dificultar o diagnóstico, pois o uso indiscriminado pode inibir o crescimento do agente na cultura fúngica (SILVA, 2016).

Dentre os animais domésticos, a esporotricose é relatada com maior frequência em gatos (PEREIRA et al., 2011) enquanto que em cães, é considerada rara (MIRANDA et al., 2009), assim como observado na presente casuística, embora casos de esporotricose na região sejam frequentes (MADRID, 2007).

Os sintomas mais frequentemente apresentados pelos animais com suspeita ou diagnóstico de esporotricose foram: lesões de difícil cicatrização, lesões cutâneas ulceradas ou com crostas, anorexia e hiporexia. Sendo as lesões encontradas mais frequentemente em face, plano nasal, orelhas, cauda, membros e região lombar. De acordo com Gonçalves (2019) há maior prevalência de nódulos e úlceras localizadas em cabeça, extremidades de membros e cauda, assim como observado no presente relato, em que foi observado dois felinos com lesão em cabeça, seis felinos com lesão em plano nasal, seis felinos com lesões em membros e três felinos com lesões em cauda e/ou região lombar, enquanto que nos cães, foram observadas lesões em membros. Após o tempo de incubação da doença surgem as lesões, primeiramente como ferimentos puntiformes com secreções que podem então ulcerar e formar crostas (LITTLE, 2015; MADRID, 2012), como foi o caso da maioria dos pacientes atendidos.

Durante a anamnese, questionamentos acerca dos hábitos de vida do animal eram realizados aos tutores e 36,4% dos animais com diagnóstico (presuntivo ou confirmatório) para esporotricose, possuíam acesso a rua, estando suscetíveis ao contato com animais contaminados, enquanto em 63,6% dos casos não haviam informações sobre acesso a rua. Sabe-se que o hábito de vida livre contribui para a transmissão do fungo, visto que os gatos são considerados o principal agente transmissor da esporotricose, principalmente os gatos jovens ou

adultos, não castrados e que têm acesso à rua, sendo estes os mais acometidos pela doença e principais dispersores do fungo para outros animais e pessoas (GONÇALVES, 2019). Quanto ao contato direto de animais suspeitos com animais positivos, 9,5% dos animais com diagnóstico (presuntivo ou definitivo) tinham contato com animais positivos.

Em relação aos cães, Viana (2016) evidenciou que machos, idosos, sem raça definida e que tiveram contato prévio com gatos eram mais acometidos por esporotricose. No presente estudo, entre os cães acometidos, um possuía contactante felino com diagnóstico presuntivo de esporotricose, além de ter acesso à rua.

O diagnóstico confirmatório de esporotricose é realizado através da cultura fúngica, importante para possibilitar o tratamento correto além de auxiliar no diagnóstico diferencial de outras afecções, como o carcinoma de células escamosas (CCE) (CASTRO, 2017). Dentre os animais com diagnóstico presuntivo de esporotricose (57%), 25% obtiveram resultado negativo para o crescimento do fungo na cultura fúngica, sendo que dois deles foram diagnosticados com CCE através de histopatologia. Diversas causas podem ter influenciado nas culturas fúngicas negativas, como contaminação da amostra, animais tratados empiricamente pelos tutores, perda de informações entre os setores responsáveis e a falta de padronização no preenchimento das fichas, fatores preocupantes pois impactam a identificação de potenciais perpetuadores da micose na região. Quanto ao tratamento, o itraconazol é o antifúngico de eleição, embora a resistência a esse medicamento seja comum, podendo ser associado ao iodeto de potássio, que mostra-se como uma alternativa eficaz (DA ROSA, 2017). Tais fármacos foram utilizados em casos de diagnóstico definitivo e animais resistentes a medicação foram observados na prática clínica.

A divulgação de informações sobre a doença, especialmente em regiões de vulnerabilidade social é de extrema importância, visto que a esporotricose é uma doença zoonótica emergente e negligenciada, o que dificulta o diagnóstico, tratamento eficaz e controle (ASSIS, 2022),

4. CONSIDERAÇÕES

A esporotricose destaca-se como uma micose de importância veterinária e o aumento da casuística e falhas na terapia representa um risco direto para humanos, dessa forma, reforça-se a necessidade de vigilância epidemiológica, diagnóstico preciso e tratamento adequado como forma de prevenção da transmissão, sendo portanto, uma prioridade de saúde única.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, G. S. *et al.* Esporotricose felina e saúde pública. **Veterinária e Zootecnia**, v. 29, p. 1-10, 2022.

BARROS, M. B. L. *et al.* Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 27, n. 6, p. 455-460, 2010.

BISON, I. *et al.* Metanálise de esporotricose felina: um destaque para sua ocorrência no Brasil. **Ars Veterinaria**, v. 36, n. 4, p. 301- 315, 2020.

CASTRO, N. B. *et al.* Doenças micóticas em gatos no Rio Grande do Sul. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 37, n. 11, p. 1313-1321, 2017.

DA ROSA, C. S. *et al.* Terapêutica da esporotricose: revisão. **Science and animal**

health, v. 5, n. 3, p. 212-228, 2017.

DOS SANTOS, A. N. *et al.* Esporotricose em felino: Revisão. **Pubvet**, v. 16, p. 195, 2022.

DUARTE, T. L.; CARVALHO, G. D. Esporotricose no contexto da saúde única. In: **Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**. 2021.

GONÇALVES, J. C. *et al.* Esporotricose, o gato e a comunidade. **Enciclopédia Biosfera**, v.16, n.29, p. 769-787, 2019.

LITTLE, S. E. **O gato: Medicina Interna**. 1ed. – Rio de Janeiro: Roca, 2015.

MADRID, I. M., *et al.* Esporotricose canina: relato de três casos. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 35, n. 1, p. 105-108, 2007.

MADRID, I. M. *et al.* Epidemiological findings and laboratory evaluation of sporotrichosis: a description of 103 cases in cats and dogs in southern Brazil. **Mycopathologia**. 2012.

MARIMON, R. *et al.* *Sporothrix brasiliensis*, *S. globosa*, and *S. mexicana*, three new *Sporothrix* species of clinical interest. **J Clin Microbiology**, 2007.

MIRANDA, L. H. M. *et al.* Histopathology of canine sporotrichosis: a morphological study of 86 cases from Rio de Janeiro (2001–2007). **Mycopathologia**, n. 168, p. 79–87, 2009.

PEREIRA, S. A. *et al.* Sensitivity of cytopathological examination in the diagnosis of feline sporotrichosis. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, n. 13, p. 220-223, 2011.

PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 16-23, 2017.

ROCHA, J. L. T. & DE OLIVEIRA, M. G. X. Esporotricose felina: Sinais clínicos e prevenção em animais e humanos. **Pubvet**, v. 18, n. 05, p. e1591-e1591, 2024.

SILVA, J. N. **Avaliação da sensibilidade de métodos diagnósticos e da carga fúngica durante o tratamento com itraconazol na esporotricose felina**. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias), - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

VIANA, P. G. **Esporotricose canina: Estudo epidemiológico, clínico e terapêutico na região metropolitana do Rio de Janeiro (2004-2014)**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Medicina Tropical) – Instituto Oswaldo Cruz, 2016.

XAVIER, J. R. B. *et al.* **Revisão sobre resistência ao tratamento da esporotricose em felinos com itraconazol - Resultados parciais**. In: XXI ENPÓS – SIEPE UFPEL, 2019.